

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

Palácio Itamaraty: processo de pesquisa, novas fontes e revisão da historiografia

Sessão temática: Teoria e Método em História da Arquitetura e da Cidade

Eduardo Pierrotti Rossetti
Universidade de Brasília

eduardo_rossetti@hotmail.com ou rossettifau@unb.br

Palácio Itamaraty: processo de pesquisa, novas fontes e revisão da historiografia

RESUMO

Recentes pesquisas sobre a arquitetura do Palácio Itamaraty em Brasília possibilitam ampliar o entendimento sobre sua complexidade arquitetônica. A partir de novas fontes orais, de novos documentos diplomáticos e de material gráfico inédito sobre o projeto do Palácio, é possível repensar a questão da autoria, trazer novos problemas conceituais, revolver as camadas da historiografia, reconsiderar a presença de colaboradores na condução do projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer. É ainda possível redefinir a inserção do Itamaraty na trama da história da arquitetura brasileira e da trajetória de Oscar Niemeyer. Ao reelaborar a trama de colaborações para consubstanciar uma obra-prima com a participação de arquitetos, engenheiros, artistas, escultores, pintores, diplomatas, políticos, jornalistas e fotógrafos, é possível redefinir a rede social que deu amparo e participou ativamente de sua consecução. A colaboração do embaixador Wladimir Murinho, de Olavo Redig de Campos e Milton Ramos, dos calculistas Joaquim Cardozo e Samuel Rawet, do paisagista Burle-Marx e dos artistas Athos Bulcão, Mary Vieira e Maria Martins não pode ser tomada como acessória, ou como decorrência de um projeto arquitetônico supostamente unitário e coeso. As pesquisas revelaram a existência de três diferentes propostas desenvolvidas por Niemeyer (1959, 1960 e 1963), com soluções bastante diversas. Soma-se a isto a dinâmica trajetória do próprio Niemeyer com afastamentos temporários do Brasil, devido às circunstâncias políticas pós-JK e pós-64, que transcorrem enquanto o palácio é construído e inaugurado (1967 e 1970). Reconsiderar todo o processo de projeto e construção do Palácio Itamaraty numa perspectiva mais dilatada é uma possibilidade efetiva de alargar os domínios do campo arquitetônico, a fim de repensar seus limites, suas especificidades e sua dinâmica. Tomar o Palácio Itamaraty em Brasília como objeto revelador do campo arquitetônico pode também suplantar lacunas e abrir veredas sobre a historiografia da arquitetura brasileira e sobre a trajetória de seus vetores.

Palavras-chave: Itamaraty, Brasília, historiografia

PAPER TITLE

ABSTRACT

Recent researches on the Itamaraty Palace in Brasilia can provide the understanding of its architectural complexity. From new oral sources, new diplomatic documents and unpublished graphic material on the palace project, you can rethink the question of authorship, bringing new conceptual problems, revolving layers of historiography, reconsider the presence of employees in conducting the project conceived by Oscar Niemeyer. By reworking the plot collaborations to substantiate a masterpiece with the participation of architects, engineers, artists, sculptors, painters, diplomats, politicians, journalists and photographers, you can redefine the social network that gave support and actively participated in its achievement. Such collaborations can not be taken as an accessory or as a result of an architectural design supposedly unified and cohesive. The research revealed the existence of three different proposals developed by Niemeyer (1959, 1960 and 1963), with very different solutions. Added to this the dynamic trajectory of Niemeyer himself with leaves of absence from Brazil, due to post-JK political circumstances and post-64, which elapses while the palace was built and opened (1967 and 1970). Reconsider the entire design process and construction of the Itamaraty Palace into a more expanded perspective is an effective possibility to extend the areas of architectural field, to rethink its boundaries, its

characteristics and its dynamics. Take the Itamaraty Palace in Brasilia as revealing object of the architectural field can also overcome gaps and open paths on the historiography of Brazilian architecture and the history of their vectors.

Keywords: Itamaraty, Brasília, historiography.

1. VESTÍBULO

Ao retomar o Palácio Itamaraty como objeto de investigações e estudos em 2014, depois de passar por dois processos de enfrentamento com o mesmo objeto, tanto na Tese de Doutorado (2004-2007), como no estágio de Pós-Doutorado (2008-2009), seria elementar vir a ser indagado pela fadiga do material ou pela exaustão do tema. Contudo, hoje, em que pese a contribuição de trabalhos acadêmicos sobre Oscar Niemeyer, o Palácio Itamaraty em Brasília ainda se mantém como instigante e com potencial latente para novas investidas acerca de suas complexidades.

Longe de um magnetismo atávico, a sede do Ministério das Relações Exteriores – MRE em Brasília continua sendo uma obra arquitetônica com muito material inédito, com muitos documentos a serem explorados e permanece como um desafio constante que se interpõe às pesquisas sobre outros assuntos, que também são desenvolvidas em paralelo. Trata-se de uma atitude saudável para manter os horizontes abertos, sem pretender atuar com especialista num edifício, num arquiteto, ou num período.

Ocorre que os dois enfrentamentos anteriores que tomavam o Itamaraty como objeto de estudos possuíam limites e prazos para suas conclusões. Desta vez, ao retomar o Palácio dentro de um Projeto de Pesquisa institucionalmente respaldado houve uma redefinição das estratégias e serem efetuadas para pesquisar e estudar o tal objeto. Além de rever acervos e arquivos que já haviam sido explorados, além de visitar todos os espaços do palácio, além de refazer o levantamento fotográfico, bem como consultar novamente as plantas e os desenhos, nesta empreitada houve oportunidade de:

- 1) encontrar novas informações nos acervos anteriormente pesquisados: material de correspondência diplomática, os maços e notas de embaixadores e diplomatas, o material do Serviço de Arquitetura do MRE, além de fotografias, filmes e revistas do Arquivo Público do Distrito Federal;
- 2) acessar novos acervos: material gráfico inédito que está com os herdeiros do arquiteto Milton Ramos;
- 3) realizar entrevistas com participantes e colaboradores da obra: Luiz Brun e Rubens Barbosa (embaixadores), Clara Redig de Campos (arquiteta), Jayme Zettel (arquiteto);
- 4) realizar conversas com membros do corpo diplomático brasileiro: Emb. Luis Felipe Seixas Corrêa, Sra. Marilu Gurgel Valente, Emb. Paulo Pires do Rio, Emb. Frederico Cezar Araujo, Cons. Guilherme Conduru;

5) visitar o Palácio do Itamaraty no Rio de Janeiro, onde hoje o atual Escritório de Representação do Ministério das Relações Exteriores – ERERIO;

6) estreitar contato com servidores do Itamaraty: Heitor Granafei (Imprensa), Carlos Pachá (Setor Cultural), *Anna Victoria Wanderley Silva de Azevedo* e Antonio Aníbal da Motta (Setor de Arquitetura);

7) rever e ampliar a bibliografia conexa que aborda o Itamaraty, incluindo: história da diplomacia, atividades do cerimonial, atuação política e comércio exterior, jornalismo e cobertura da mudança para Brasília; arquitetura de interiores, design brasileiro e paisagismo; correlação arte/arquitetura; exposição de Brasília no exterior.

Trata-se, pois, de um objeto tomado no presente, posto que o processo de pesquisa está em curso. Aqui, nesta instância, há oportunidade de apresentar e poder compartilhar alguns de seus resultados atuais.

2. UM PALÁCIO MUITO CONHECIDO

O Palácio Itamaraty em Brasília é uma obra de arquitetura extremamente conhecida, sendo incluída em publicações com diferentes alcances, para além do estrito campo da arquitetura. Conquanto seja obra da autoria de Oscar Niemeyer, trata-se de um edifício de amplo interesse público, notadamente destinado à instituição que tem por excelência divulgar e ampliar a presença do Brasil no mundo: o Ministério das Relações Exteriores. Mesmo diante de um palácio muito conhecido, este processo de investigação, estudos e pesquisa, torna possível repensar as dimensões do Itamaraty tanto na trama da história da arquitetura brasileira, como na trama da história da arquitetura de Oscar Niemeyer.

A obra está incorporada à historiografia da arquitetura brasileira por publicações e autores reconhecidos. Yves Bruand (1981) recobra a “*verdade estrutural*” do Palácio e resiste ao encantamento formal das arcadas, apontando uma “*reviravolta*” na obra de Niemeyer devido ao uso do concreto aparente. Ademais, o Palácio do Itamaraty é abordado junto com os demais palácios de Brasília, definindo uma perspectiva de conjunto para a análise destas arquiteturas. Mais recentemente, o Itamaraty foi retomado criticamente em publicações congêneres (ZEIN, 2010; HOLANDA, 2011) em que o palácio é tratado em paridade com a sede do Ministério da Justiça com ênfase na solução estrutural, formal e plástica decorrente da adoção do concreto aparente, sendo calcados numa “*sensibilidade plástica do brutalismo*”.

Por estratégias de abordagem, constata-se que o Palácio do Itamaraty também não pode ser explorado nos recortes estabelecidos por Hugo Segawa (2002) quando investiga criticamente todo um século da produção nacional, uma vez que o caráter abrangente não demanda certos aprofundamentos em temas e questões que pedem outros enfoques. Já nas obras de interesse monográfico, o palácio aparece com destaque pelo arroubo formal, mas pouco aprofundamento crítico. Em seu elogioso olhar para o universo formal de Niemeyer, David Underwood (2002) afirma que como Itamaraty, Niemeyer retoma o “*tema clássico do palácio*” no contexto de uma cidade me que ele buscou a “*integração poética*” dos edifícios com os amplos espaços. Josep Maria Botey (1996) não avança muito, reafirmando que se trata de uma caixa de vidro dentro de uma arcada em concreto que flutua sobre um jardim aquático. De modo geral, a ênfase recai na estrutura da arcada e na forma em concreto aparente, como se outras questões não fossem relevantes do problema arquitetônico a ser enfrentado. Ou ainda, como se não fosse um ministério excepcional e não apenas diferente dos demais ministérios da Esplanada.

Seria possível incluir outros autores, tais como Kenneth Frampton (1996) ou Jean-Louis Cohen (2013) e cotejar as narrativas que são construídas com, ou sobre o palácio. Contudo, aqui já é possível deslindar a inserção do Itamaraty nas tramas da história, para além das análises formais. Com relação ao que expressa seu autor, a situação não se clarifica, pois os registros e as memórias de Oscar Niemeyer parecem diminuir as vicissitudes de uma obra tão complexa, com múltiplas demandas, resolvida em etapas distintas e com colaborações diversas para o cálculo, para os interiores, , sendo construída num momento político conturbado. Ele parece reduzir todo o problema a sua vontade pessoal, quando afirma “...*agi diferente, desejoso de demonstrar como é fácil agradar a todos com uma solução correta, generosa mas corriqueira...*”(2000, 273). Diante de uma afirmação aparentemente menor ou presumidamente singela problematiza-se, indagando: 1) O que é agir diferente? 2) Agradar a quem? 3) O que se entende por solução correta? 4) O que se quer dizer com solução correta mas corriqueira? Estas e outras questões podem ser lançadas ao arquiteto que sistematicamente constrói sua própria história, relativizando, quando não diminuindo, as demais narrativas históricas.

3. NARRATIVAS DA HISTÓRIA

Elaborar a história de uma arquitetura implica em poder construir ou reconstruir a narrativa sobre uma obra, considerando seus processos de invenção, bem como a coisa factualmente construída —seja o fato ou artefato arquitetônico— em tensões com o contexto cultural, social, político e econômico em que se ela consubstancia. Para Manfredo Tafuri (1988) a

função do historiador é “fazer ver”, ou seja, revelar e fornecer aos arquitetos um parâmetro de reflexão sobre sua própria arquitetura. Para Charles Jencks (1989) e Michel Foucault (1997) é preciso estabelecer categorias críticas para desmontar as grandes narrativas vigentes. Ao desarmar um “*agrupamento*” é possível e problematizar a arquitetura como sendo uma maneira de resolver problemas de arquitetura, como Jameson (1996) nos instiga a pensar.

Para recolocar o Palácio Itamaraty numa perspectiva crítica e assim poder suplantar lacunas e rever suas complexidades é preciso potencializar o material primário, explorar novos documentos, bem como confrontar as fontes para poder revelar ou abrir tais perspectivas. A partir de novas fontes orais, de novos documentos e de material gráfico inédito sobre o Palácio, torna-se possível repensar a questão da autoria, trazer novos problemas conceituais, reconsiderar a participação de diplomatas e outros colaboradores, bem como redimensionar a condução do projeto arquitetônico por Oscar Niemeyer.

Novas fontes, novos fatos. Ou seja, as novas fontes de documentação, novos acervos ou novos materiais implicam na redefinição da percepção dos fatos. A partir de novas fontes orais, de novos documentos e de material gráfico inédito sobre o palácio, torna-se possível repensar a questão da autoria, trazer novos problemas conceituais, reconsiderar a participação de diplomatas e outros colaboradores, bem como redimensionar a condução do projeto arquitetônico por Oscar Niemeyer.

Ao reconsiderar o Palácio Itamaraty em uma perspectiva mais dilatada e não exclusivamente atada ao campo arquitetônico é possível alargar os domínios deste campo, a fim de revelar seus limites e suas especificidades, tomando a construção desse Palácio em Brasília como objeto revelador da dinâmica e do funcionamento do campo arquitetônico, suplantando lacunas e abrindo novas veredas sobre a história de uma arquitetura e da trajetória de seus autores. Ou seja, novos fatos proporcionam definir novas oportunidades para repensar os valores e os entendimentos consolidados sobre um edifício.

No caso do Itamaraty, uma instituição secular dedicada à construção das relações exteriores do Brasil com o mundo, explorar sua arquitetura implica em operar com fontes documentais para além dos desenhos e do material gráfico utilizado de maneira ordinária para estudar uma obra. A arquitetura do Itamaraty está subordinada às condicionantes do campo diplomático e sua dinâmica. É imprescindível percorrer os documentos diplomáticos, depoimentos e entrevistas de diplomatas e servidores da instituição que colaboraram com a consecução do palácio. Com estas diferentes vozes torna-se possível reelaborar a narrativa em que o Itamaraty está enredado, ampliando a compreensão sobre o edifício. Ao tecer com

fios mais precisos a enorme trama de colaborações com esta obra, incluindo a participação de arquitetos, engenheiros, artistas, escultores, pintores, diplomatas, políticos, jornalistas e fotógrafos é possível armar uma rede social que foi consolidada em função de construir e efetivar a nova sede para servir à diplomacia brasileira.

4. OBJETO IMAGINÁRIO

O palácio Itamaraty em Brasília permanece como um objeto de estudos extraordinário, constituindo-se um fator icônico na paisagem monumental da capital federal, ao mesmo tempo em que preserva suas funções. Trata-se de uma obra de arquitetura moderna em bom estado de conservação, que demanda ações pontuais de manutenção, mas que mantém vivazmente seu vigor inaugural. E como obra moderna, é possível estudar sua estrutura, suas relações espaciais, suas correlações urbanas, sua inserção na paisagem, a organização de seus espaços internos, a decoração dos ambientes, o funcionamento dos espaços, seu mobiliário, a inserção de obras de arte, o paisagismo. Seria possível desdobrar o interesse pelos usos do palácio considerando as festas, eventos e recepções para autoridades, príncipes, reis e posses presidenciais. Todo o processo construtivo, as transformações do projeto arquitetônico são outra frente de análise, além das fotografias, filmes e material jornalístico sobre o palácio. Ou seja, há miríades de desdobramentos instigantes que se correlacionam para configurar narrativas da história de uma arquitetura.

O lugar do Palácio na historiografia é creditado com exclusividade ao empenho de Oscar Niemeyer. Contudo, para além de sua participação central em todo o processo, trata-se de uma obra que tem colaboradores excepcionais para contribuir com o seu projeto arquitetônico, mas que raramente possuem o devido destaque. Menos que coautoria, trata-se de um conjunto de pessoas que atuando como vetores de um processo, colaboraram em diferentes frentes do trabalho de construção e finalização do projeto arquitetônico de Niemeyer, desde o lançamento da pedra fundamental em 1960 até sua inauguração derradeira em 1970.

No processo de elaboração das arquiteturas de caráter monumental dos primeiros palácios de Brasília —Alvorada, Planalto, Congresso e Supremo— foi frequente que as soluções de um palácio fossem utilizadas em outros, com eventuais melhorias. Além de aperfeiçoar a construção, tais conexões entre as obras também estabelecem e reforçam a linguagem arquitetônica moderna da arquitetura inaugural da capital. Sabe-se que o futuro Ministério das Relações Exteriores já era objeto de reflexão de Oscar Niemeyer, ao menos desde 1959, quando em junho a revista *Brasília* apresenta duas fotografias do futuro palácio. Entretanto, a datação projeto do Itamaraty em 1962 é frequente não apenas para publicações oficiais de Niemeyer, mas também ocorrendo em Zein & Bastos (2010), Botey

(1996), Underwood (2002). Yves Bruand (1981) destoa e data entre 1965-69. Mas afinal, cabe indagar a eles sobre qual versão do projeto arquitetônico estão se referindo? Quiçá, a nenhuma!

5. AS TRÊS VERSÕES DO PALÁCIO

As pesquisas atuais encontraram até o momento três versões do projeto arquitetônico para o palácio, que pelo material estudado (plantas e fotografias) podem ser cronologicamente assim organizadas: primeira versão em 1959; segunda versão em 1960 e terceira versão em 1963.

A primeira versão (1959) corresponde à proposta materializada na maquete que foi publicada na revista *Brasília nº.30*. Lá estava a versão primeira do palácio: planta quadrada, recuo da Esplanada, superestrutura de cobertura com aberturas, colunas sem expressão plástica, edifício-anexo já fazendo parte da concepção para distribuir o programa. Mesmo sem ter visto desenhos no acervo do Setor de Arquitetura foram encontrados desenhos (sem autoria) na correspondência diplomática que se reportam ao projeto arquitetônico, com indicações de tratativas para promover a expansão do número de pavimentos do anexo em mais três andares, o que mudaria toda a inserção da proposta na paisagem urbana.

A segunda versão (1960) corresponde à proposta contida nos 8 desenhos em cópia heliográfica, acompanhada de um texto anexo. Este material está nos arquivos do Serviço de Arquitetura do Itamaraty – SARQ/MRE. A proposta para o palácio consiste em uma caixa de vidro pura, configurada formalmente por uma caixilharia idêntica à do Congresso Nacional, ou seja, com aberturas alternadas. É surpreendente encontrar uma solução tão purista, depois das experiências de Niemeyer com outros palácios já construídos em Brasília. A planta é definida em um quadrado, sem recuos, nem estrutura de colunas ou arcos. Destaca-se a organização dos espaços internos de salas, salões, cozinha, auditório, uma escada monumental que articula os níveis no centro da planta e promove um vazio em seu miolo. Destacam-se as duas rampas de automóveis que cruzam o edifício. Da planta quadrada não há marcação de acessos ao edifício-anexo. Não há plantas deste edifício-anexo, mas há um desenho esquemático de implantação com o bloco ministerial mais próximo (bloco 11, Saúde) e outra indicação de projeção de bloco paralela ao Eixo Monumental. A nomenclatura dos espaços internos vai sendo definida de modo menos genérica (*hall, saleta, salão nobre, banquetes*) e já aparece “*Salão dos tratados*”. Nota-se que no carimbo da folha de desenhos, datadas de junho e julho de 1960, na indicação “*projeto*” está assinalado “*O.N.*”, o que atesta a autoria oficial do projeto, ainda que o desenho não tenha outros sinais de comprovação, como assinatura ou visto. Vale ressaltar

que tal projeto não era do conhecimento do Setor de Arquitetura e que estava arquivado junto com o diário de obras.

A terceira versão (1963) corresponde aos desenhos a mão livre, feitos com lápis grafite e alguns traços coloridos, assinados por Oscar Niemeyer e que compõe o acervo particular dos herdeiros do arquiteto Milton Ramos. Trata-se de um conjunto com mais de 15 folhas em papel vegetal —datadas de 2/7/63— denominados “*originais dos croquis iniciais do projeto do palácio Itamaraty elaborados por Oscar Niemeyer*”, que contém plantas, cortes, elevações e alguns pormenores. É inegável a correspondência do projeto final construído com as soluções previamente lançadas nestes desenhos, que se justificam como sendo a “*diretriz ao projeto executivo*”. Impressiona constatar que tais desenhos já definem o partido de organização da planta em 3 partes com um grande átrio sinuoso e escada helicoidal monumental na parte central; resolvem o sistema de modulação estrutural das colunas, apresentam a pré-definição da modulação de toda a planta em 6x6m —denominada “matriz”, que inclui as caixas de circulação vertical. As plantas revelam a pré-definição do auditório com paredes soltas e algum tratamento diferenciado, há indicação de vidro com lápis azul no corte, há pré-definição do jardim no “terraço” do último pavimento, cujo arranjo de salões em L está pré-fixado. As rampas de entrada de automóveis permanecem presentes. Os cortes indicam as alturas da arcada e dos pavimentos, bem como a dimensão do arco em 6m, precedida de desenhos que apontavam para comedidos 4m. Destaca-se a pré-definição do desenho da arcada e de sua expressão construtiva com linhas no concreto, incluindo a pré-definição do pilar que sustentará o arco. Soma-se a este conjunto precioso de desenhos, as fotografias da maquete e fotos da construção feitas pelo próprio Milton Ramos.

Será, de fato, a partir destes desenhos que um volumoso conjunto de desenhos será elaborado como projeto executivo, incluindo uma gama de detalhamentos e ajustes, mas que sempre seguirão as diretrizes definidas por estes croquis. Ou seja, a partir de 1963 é que a versão do projeto construído passa a existir.

6. PROJETO EM EQUIPE

Será justamente num complexo contexto histórico entre o final dos anos JK e 1970 que o projeto arquitetônico se desenvolve e que o edifício é construído e inaugurado. Ou seja, todo o processo atravessa as crises políticas de 1961 e 64, perpassa as tensões do governo de Costa e Silva com o AI-5, até ser aberto e funcionar oficialmente no governo Médici. No entanto a transferência do Itamaraty para o Planalto Central é tratada dentro desde 1958 com a criação de uma comissão para estudar e resolver o assunto, pois a instalação do

Ministério das Relações Exteriores sempre foi estratégica para consolidar a nova capital. Se a autoria do projeto do projeto não poder ser negada a Oscar Niemeyer, é possível relativizar seu empenho pessoal em acompanhar o processo, pois em meio à turbulência política ocorre o afastamento temporário de Niemeyer do Brasil e de Brasília, devido às mesmas circunstâncias políticas em que justamente, o palácio é construído e inaugurado.

Neste contexto é fundamental recobrar os “agentes” ou “vetores” que participaram ativamente neste processo de construção do projeto arquitetônico do Itamaraty em Brasília. Destaca-se o diplomata **Wladimir Murtinho**, que formou uma tríade com **Luiz Brun de Almeida Souza** e **Rubens Antonio Barbosa** para atuarem junto às autoridades locais, fazendárias e do Executivo para a consecução das obras do palácio. A equipe de colaboradores pode ser ampliada incluindo **Olavo Redig de Campos**, o arquiteto-chefe do Patrimônio do MRE, cuja equipe era formada por **Jayme Zettel** e **Roberto Scorzelly**. **Milton Ramos** era arquiteto da *Construtora Pederneiras* que foi responsável pelo desenvolvimento do projeto arquitetônico. Representando o próprio Niemeyer na obra de Brasília, atuava com desenvoltura e empenho para corresponder ao cargo que lhe fora investido. **Joaquim Cardozo**, chefe do escritório de cálculos estruturais que também foram desenvolvidos por **Samuel Rawet**.

Depreende-se a seguinte organização: o projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer foi desenvolvido por Milton Ramos, vinculado à construtora; Olavo Redig de Campos cuidava dos arranjos internos da planta e da definição dos materiais e acabamentos do palácio; Luiz Brun atuava junto à imprensa, para atizar a curiosidade e acelerar a consecução do projeto arquitetônico; Wladimir Murtinho é o grande responsável pela empreitada dentro da própria instituição, articulando-se com outros diplomatas para cumprir a missão de transferir o Itamaraty para Brasília. Destaca-se sua atuação para mobiliar e equipar o Palácio com móveis antigos e modernos, valorizando o design brasileiro e com obras de arte de relevante renome, contribuindo para modernizar a instituição e ao mesmo tempo deixar o palácio muito bem equipado, apto para funcionar e representar o Brasil.

Para tanto, Murtinho articulou o convite a **Roberto Burle Marx** para elaborar os projetos de paisagismo para os jardins externos e internos do palácio. Além dos jardins, Burle Marx desenhou uma tapeçaria para a Sala Brasília que se integra ao conjunto de grandes obras de arte. Wladimir Murtinho também foi responsável por escalar artistas e escolher obras de arte que iriam organizar os novos espaços palacianos, Em afinidade com as soluções de Olavo, comandando toda a instalação e a colocação das obras de arte, mobiliário e tapetes para deixar o palácio impecável.

A equipe de colaborações não seria completa se não fossem acrescentada a destacada a participação de **Athos Bulcão**, com trabalhos em diferentes suportes e expressões e que resolve a paginação do piso, faz baixo-relevo, treliça de madeira e ainda desenha azulejos para o palácio. **Maria Martins**, **Mary Vieira**, **Bruno Giorgi** e **Alfredo Volpi** também possuem obras de grande destaque nos espaços nobres do palácio, revigorando a correlação arte/arquitetura. Contudo, dentre todos os artistas que brilham no palácio, é Athos Bulcão que realiza melhor esta síntese das artes.

7. O PROGRAMA & O PROJETO

Para desenvolver o projeto arquitetônico da nova sede o Itamaraty, mais preocupados com os aspectos formais, os diplomatas estavam empolgados com a oportunidade de modernização institucional decorrente da transferência. Assim, os novos gabinetes e espaços de trabalho deveriam adquirir qualidades que já não eram possíveis na sede carioca, em que as ampliações e anexos realizados ao longo dos anos 20 e 30 no palacete do século XIX já não comportavam as demandas de atuação e expansão do ministério. Tal fato inclusive justificou a demolição de edifícios contíguos ao palacete, visando a construção de novas instalações.

Dentre os documentos de origem diplomática e que podem laçar novas questões para as soluções arquitetônicas —mas que ainda não foi localizado e talvez tenha sido destruído— é preciso apontar a existência do mítico “*dossiê*” sobre as demandas para o futuro palácio que teria sido elaborado por Murtinho e outros colaboradores para orientar os trabalhos de arquitetura e organizar as demandas de funcionamento do palácio. Há depoimentos que assinalam que Niemeyer teria recebido tal dossiê e ignorado e/ou perdido. Soa estranho não haver encontrado ainda a segunda via, rascunhos ou notas sobre tal documento que é citado em diferentes correspondências e entrevistas. Sobre o fato de Niemeyer ter descartado ou não o dossiê é mais difícil ponderar, mas o fato é que os diplomatas estavam discutindo as soluções arquitetônicas constantemente, seja como Milton Ramos, seja com Olavo Redig. Não foram encontradas cartas de Niemeyer, mas é notória a troca de informações registradas em planta, sobre o detalhamento do vidro da cabine de tradução do auditório, o que demonstra que Niemeyer, onde quer que estivesse —Rio, Paris, Milão— estava acompanhando o canteiro do palácio.

8. WORK IN PROGRESS

Além dos desenhos e das informações decorrentes de entrevistas e conversas —que muitas vezes não podem ser gravadas— e das muitas possibilidades que as fontes anteriormente

apontadas indicam, ainda existem frentes que foram assinaladas mas não ainda foram exploradas: as fotografias, os filmes e as matérias jornalísticas.

As fotografias da construção do complexo arquitetônico do Itamaraty, somadas às fotografias oficiais de uso do edifício, além das fotografias da transformação do espaço da Esplanada ao longo das últimas cinco décadas e as múltiplas fontes iconográficas contemporâneas configuram um amplo rol de informações visuais sobre as atividades e sobre as configurações dos espaços palacianos, conquanto ele permanece sendo uma constante na paisagem. Mas as fotos revelam que salas foram completamente alteradas, quadros e esculturas mudaram de lugar, novos móveis entraram e outros saíram dos espaços, transformando o *layout* de salas e salões. Mesmo o jardim sofreu alterações e já esteve muito mais volumoso em sua exuberância. A atual Sala Portinari estava mobiliada com um arranjo completamente diferente para receber a Rainha Elizabeth II, em 1968, havia um conjunto de sofás e sofás de apoio... ou seja, o palácio tem muitas histórias a serem contadas.

Os filmes de propaganda da NOVACAP possuem cenas gerais que incluem a Esplanada com e sem o Itamaraty, com destaque para um filme que mostra uma visita ao canteiro do Palácio, justamente quando há uma maquete em escala real (1:1) de um conjunto de três arcos para testar o traço do concreto, a forma e averiguar a forma. As matérias jornalísticas publicadas pela imprensa podem revelar a recepção do novo edifício, bem como as expectativas sobre o desenvolvimento de Brasília. Afinal é revelador saber de uma “ *festa da cumeeira*”, em meio às tensões políticas pós-64.

Por ora, além de revigorar a participação de Murtinho, de elevar a atuação de Olavo e de delimitar a ação de Milton Ramos, é válida a inédita organização das três versões do projeto que nunca poderiam ter sido apontadas sem acesso a um material de raro acesso. Mas ainda há muito trabalho e muitas tramas a serem resolvidas, mesmo com os recortes inevitáveis que os limites de *papers*, palestras, artigos, etc impõem. Ainda é preciso repensar a colaboração de decoradores e designers para o Palácio, é preciso aprofundar os estudos sobre os jardins, é preciso estudar a formação do acervo artístico, etc. É preciso analisar todo o complexo arquitetônico do Itamaraty, incluindo os anexos. Ao mesmo tempo, tem-se uma obra construída é de alta qualidade arquitetônica, com soluções construtivas singulares e com arranjos espaciais muito ricos. A qualidade da materialidade da obra arquitetônica construída revigora a importância de equipes de colaboradores e de múltiplos agentes atuando no projeto arquitetônico de Niemeyer. O domínio espacial, plástico e formal do arquiteto em projetos de grande envergadura simbólica com o Itamaraty em Brasília, pode atingir níveis mais sofisticados que experiências anteriores nos Palácios da Alvorada, Planalto, Congresso Nacional e Supremo Tribunal Federal.

O uso atual do palácio permanece o mesmo, servindo bem ao programa idealmente traçado para servir aos interesses da diplomacia brasileira nos anos 60. Em que pesem as transformações de uso, o crescimento do número de convidados, a dinâmica da imprensa e as atividades que o Palácio abre para a cidade, cuja paisagem histórica também se transformou. Por tudo isso, ainda vale reconsiderar o Palácio Itamaraty em uma perspectiva mais dilatada, para além do campo arquitetônico, a fim de alargar seus domínios, revelar seus limites e revigorar suas especificidades. Tomar o Palácio Itamaraty em Brasília como objeto revelador da dinâmica e do funcionamento do campo arquitetônico possibilita suplantar lacunas e abrir novas veredas sobre a história de uma arquitetura e da trajetória de seus artífices, sejam eles arquitetos ou não.

BIBLIOGRAFIA

- ARGAN, Giulio Carlo. *Projeto e Destino*. São Paulo: Ática, 2001.
- ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Ática, 2005.
- BANDARIN, Francesco; VAN OERS, Ron. *The historic urban landscape: managing heritage in an urban century*. Londres: Wiley-Blackwell, 2012.
- BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. *Brasil: arquitetura após 1950*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BOJUNGA, Cláudio. *JK o artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BOTEY, Josep Maria. *Oscar Niemeyer. Obras y proyectos*. Barcelona: GG, 1996.
- Revista Brasília* nº. 30, junho/1959.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1981.
- CERVO, Amado L. & BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. Brasília: EdUnB, 2014.
- COHEN, Jean-Louis. *O futuro da arquitetura desde 1889*. São Paulo: Cosac & Naify, 2013
- Correio Braziliense*. Edições: 19/set/1966; 20/set/1966 e 21/abril/1970
- COSTA, Lucio. *Lucio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- A estreita porta da diplomacia*. In *Revista MANCHETE* nº.373, 15/junho/1957, p.66-69.
- FICHER, Sylvia. Brasília. in *Revista Projeto* n.242, abril/2000. p.48-52.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1997.
- GOODWIN, Philip. *Brazil Builds: architecture new and old. 1652-1942*. Nova York: MoMA, 1943.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo, 1996.
- JENCKS, Charles. *Arquitectura internacional. Últimas tendencias*. Barcelona: GG,

- KIM, Lina; WESELY, Michael. *Arquivo Brasília*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- LINS, Álvaro. *O Barão do Rio Branco*. Brasília: Senado Federal, 2014.
- Revista Manchete*: 13/junho/1957 e 28/março/1970 e 25/abril/1970.
- L'Architecture D'aujourd'hui* nº.171, 1974. contém um caderno especial dedicado a Niemeyer.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- MENDES, Manuel. *O cerrado de casaca*. Brasília: Thesaurus, 1995.
- MUNFORD, Lewis. *A cidade na história*. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- MURTINHO, Wladimir do Amaral. Depoimento – Programa de história oral. Brasília: Arquivo Público do Distrito Federal, 1990. 43 p.
- NIEMEYER, Oscar. *As curvas do tempo – Memórias*. Rio de Janeiro, Ed. Revan, 2000.
- NIEMEYER, Oscar. *Quase memória: viagens, tempos de entusiasmo e revolta – 1961-66*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968.
- NIEMEYER, Oscar. *Minha arquitetura: 1937-2004*. Rio de Janeiro, Ed. Revan, 2004.
- Palácio Itamaraty Brasília: Brasília, Rio de Janeiro*. São Paulo: Banco Safra, 2002.
- RIBEIRO, Guilherme Luiz Leite. *Os bastidores da diplomacia: o bife de zinco e outras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. *Arquitetura em transe. Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas e Lina Bo Bardi: nexos da arquitetura brasileira pós-Brasília (1960-85)*. São Paulo: FAU-USP, 2007. Tese de Doutorado.
- ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. *Palácio do Itamaraty: questões de história, projeto e documentação (1959-70)*; março/2009. Disponível em:
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.106/65>
- RYKWERT, Joseph. *A sedução do lugar*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SEGAWA, Hugo. *Arquitetura no Brasil 1900-1999*. São Paulo, Edusp, 1998
- SIQUEIRA, Vera. *Burle-Marx*. São Paulo: Cosac Naify, 2001.
- STEVENS, Garry. *O círculo privilegiado: fundamentos sociais da distinção arquitetônica*. Brasília: EDUnB, 2003.
- TAFURI, Manfredo. *Teoria e história da Arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença. 1988.
- TAFURI, Manfredo; DAL CO, Francesco. *Modern architecture*. Milano: Electra, 1976.
- TELLES, Sophia da Silva. *Arquitetura Moderna no Brasil: o desenho da superfície*. São Paulo: FFLCH-USP, Dissertação de Mestrado, 1988.
- TAFURI, Manfredo. *Projecto e Utopia*. Lisboa: Editorial Presença. 1985. 1ª Ed.
- TAFURI, Manfredo. *Teorias e história da arquitetura*. Lisboa: Editorial Presença. 1988.